
Internet e uma nova gramática de troca e inclusão

Juliana Lúcia Escobar ¹

Resumo: A idéia principal é: a Internet pode ser vista como uma tecnologia que dá continuidade a uma tendência de progressiva participação ou mesmo inclusão do corpo no processo de comunicação mediada – tendência que teria tido início na chamada modernidade. A Internet demandaria dos agentes humanos movimentos sensório-corporais e outros, da ordem da cognição, que incentivariam o surgimento de um público mais participativo, típico da era digital que vem se configurando nas últimas décadas. A principal base conceitual são as idéias de Marshall McLuhan em sua obra *Os meios de comunicação como extensões do homem*.

Palavras-chave: internet; meio; remediação

Abstract: The main idea is: the Internet can be seen as a technology that continues a trend of gradual participation of the body in the process of mediated communication. This trend would have begun in the so called modernity. Internet demands human agents' cognition movements of their bodies, senses etc., which would stimulate the appearance of a participative public, typical of the digital age of the last decades. Our major conceptual basis are the ideas expressed by Marshall McLuhan in *Understanding Media*.

Keywords: internet; medium; remediation

¹ Mestre em Tecnologias de Comunicação e Cultura (PPGC/UERJ). Jornalista (Embrapa Informação Tecnológica).

Introdução

A história dos meios de comunicação é a história das tentativas humanas de tornar mais “naturais” as trocas comunicacionais mediadas por artefatos técnicos e tecnológicos. Assim como as técnicas de representação (desde a pintura e a fotografia até as artes gráficas digitais e os sistemas de realidade virtual) sempre reivindicaram e reivindicam maior capacidade de reproduzir fielmente aquilo que entendemos como real², as tecnologias de comunicação “prometem” mais transparência em comparação com suas antecessoras, ou seja, tentam cada vez mais causar a sensação de que há menos mediação e, assim, mais proximidade com a dita realidade. Esta é uma das idéias que Jay David Bolter e Richard Grusin desenvolvem em *Remediation – Understanding New Media* (2000), que faz claramente uma referência a uma das obras mais conhecidas de Marshall McLuhan, *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1974) – [Understanding Media: The Extensions of Man](#), no título original. Ambos os livros servirão de guia para o raciocínio que vamos desenvolver ao longo deste artigo: o de que a Internet é uma nova tecnologia que, devido à sua natureza multimidiática, acaba demandando do agente humano junto com movimentos e envolvimento sensorio-corporais, outros, da ordem da cognição e do pensamento que podem, em última análise – e esta é a hipótese que defendemos – incentivar o surgimento – ou talvez seja mais adequado dizer a manifestação – de um público mais participativo, menos disposto à recepção passiva de produtos simbólicos.

Segundo Vinícius Pereira, o que McLuhan pretendia era “ampliar a discussão acerca das análises dos *conteúdos* das mensagens, adotando como eixo de orientação para seus estudos uma investigação que tomasse o *meio* como um todo, entendendo-o como uma nova linguagem que *re-forma* toda a cultura” (PEREIRA, 2004a: 10). Entendemos, portanto, que a linguagem da Internet vem reformar a maneira de viver daqueles que se tornam seus adeptos. Adotando para *meio* a idéia de meio ambiente, no sentido de contexto ou entorno – que é uma das acepções atribuídas ao termo por McLuhan³ – vamos fazer algumas reflexões sobre a instauração de uma nova

² Como não cabe aqui uma discussão filosófica, esclarecemos que os termos *real e realidade* são entendidos e utilizados neste trabalho como aquilo que pode afetar sobretudo os seres humanos através de seus sentidos de modo que façam uma distinção entre tais fenômenos e outros, pertencentes a um mundo onírico.

³ Tal acepção é uma interpretação apreendida por Vinícius Pereira após uma análise mais aprofundada da obra do estudioso canadense. Ver seu artigo *As tecnologias de Comunicação como gramáticas: meio, conteúdo e mensagem na obra de M. McLuhan*. Contracampo, • Vol.1 • n°2 • Dezembro 2007 • www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina

ambiência, que abarca diferentes aspectos e momentos da vida dos sujeitos envolvidos nas trocas de mensagens e conteúdos que a Internet, como nova mídia, permite.

Nosso foco aqui é mostrar uma das maneiras pelas quais a Internet demanda uma nova forma de ação e interação entre aqueles que vamos denominar como interagentes nos processos de circulação de bens simbólicos. Acreditamos que tão importante quanto o estudo dos conteúdos transmitidos pela rede é o estudo da forma como a Internet altera a relação entre os agentes (humanos e maquínicos) envolvidos nas trocas comunicacionais. Afinal, como acreditava o mestre de Toronto, “Uma nova extensão estabelece um novo equilíbrio entre todos os sentidos e faculdades, de modo a conduzir a uma ‘nova visão’ – novas atitudes e preferências em muitas áreas” (MCLUHAN, 1974: 146).

A Internet como meio: uma nova gramática

Adotamos como premissa o fato da Internet instaurar uma gramática específica, pois, conforme Pereira, “McLuhan fala explicitamente que o *meio*, sendo tomado como uma *extensão tecnológica*, cria um *meio ambiente* que, por sua vez, funciona como um *texto*, com uma gramática própria” (PEREIRA, 2004a: 10). Toda gramática tem a função de guiar os leitores para o uso de uma língua ou linguagem. Na gramática da Internet pode-se dizer que o primeiro termo, um dos mais básicos é “ação”. Para ter acesso a uma mensagem, qualquer que seja, via Internet é necessário teclar, clicar – isto, claro, depois da ação subentendida de ligar o computador. No entanto, ainda antes de teclar ou clicar é preciso uma decisão sobre o que se deseja obter. Ou seja, o uso da Web requer um movimento que é, em última instância, o do pensamento: uma decisão. Pode-se dizer que qualquer outra mídia também requer uma decisão: a de assistir na TV ou ouvir no rádio um determinado programa; a de ler um livro específico, esta ou aquela seção do jornal ou revista. No entanto, acreditamos que o consumo de informações via Internet requer um outro tipo de atitude, uma forma de leitura a que Espen J. Aarseth, referindo-se ao cibertexto, denomina *ergodic literature*:

Niteroi - RJ, v. 10/11 p. 07-20, 2004, em que Pereira apresenta cinco possíveis acepções para a palavra *meio* nos escritos de McLuhan. “Todos esses significados podem ser explorados dentro de diferentes contextos em McLuhan, quando fala ou escreve, não raramente produzindo ambigüidades significantes, como é típico no seu estilo não acadêmico” (p. 9).

Durante o processo cibertextual, o usuário vai efetuando uma seqüência semiótica, e esse movimento seletivo é um trabalho físico de construção do qual os vários conceitos de leitura não dão conta. A este fenômeno eu chamo de *literatura ergódica*, usando um termo emprestado da física que deriva das palavras gregas *ergon* e *hodos*, significando “trabalho” e “caminho”. Na *literatura ergódica* um esforço não trivial é requerido para levar o leitor a atravessar o texto. Se a *literatura ergódica* faz sentido como um conceito, precisa haver também uma *literatura não-ergódica*, na qual o esforço para atravessar o texto é trivial, em que a responsabilidade colocada para o leitor, exceto (por exemplo) pelo movimento dos olhos e o periódico ou arbitrário virar das páginas, não ultrapassa o ato de pensar (AARSETH, 1997: online)⁴.

Assim, o fato de o internauta ter que, obrigatoriamente, empreender um esforço não trivial para chegar até a informação que deseja é, acreditamos, uma das diferenças essenciais entre a relação proposta pela Internet aos agentes humanos e aquela disponibilizada pelas demais mídias, nas quais o conteúdo está totalmente dado e é mais facilmente acessível. As programações das rádios e das emissoras de TV assim como a narrativa do livro e as matérias dos jornais e revistas estão definidas, não requerendo dos ouvintes, telespectadores ou leitores mais do que um esforço trivial: ligar o aparelho ou folhear o jornal ou a revista. Tal característica permite que mesmo sem ter decidido o que desejamos exatamente possamos obter alguma mensagem ao acessar tais mídias.

No caso da Internet isto é impossível. Ainda que não saibamos o quê desejamos – se nos informar ou nos entreter; se ler sobre política, esporte ou cultura; ouvir música ou divertir-nos com algum jogo – não basta colocar-se diante do computador ligado. Para navegar pela Web é preciso saber onde encontrar o que desejamos ainda que nosso desejo seja apenas navegar sem destino certo. É indispensável conhecer os endereços eletrônicos dos sites e digitá-los – ou clicar na lista de favoritos. Por mais estático que seja um site, o internauta precisa agir para chegar até ele. Não basta apertar o botão de liga/desliga, mudar o canal, abaixar ou aumentar o volume, virar uma página. Se quer uma informação sobre a previsão do tempo, na rede, o leitor precisa saber o endereço do site que lhe fornece informações meteorológicas. Mas além do esforço físico de digitar o endereço, precisa também se certificar se aquele é um site confiável. Ainda que já se tenham estabelecido portais e veículos de comunicação online que contam com bastante credibilidade, nem tudo se

⁴ T.A. Ao longo deste trabalho, como aqui, as iniciais T.A indicam que a citação é originalmente em inglês e foi traduzida pela autora.

encontra nestes sites consolidados e confiáveis. No mar de informações disponíveis na Web é preciso malícia e desconfiança para obter a informação útil. E informação útil é aquela que atende às nossas necessidades que agora não estão mais condicionadas ao que os detentores da mídia acreditam que sejam.

E como a Internet é um enorme hipertexto digital, cada nova necessidade ou desejo demanda uma nova decisão que, por sua vez, leva a um nova ação – seja à digitação ou a mais um clique. Assim, a separação – ou pode-se dizer a mediação – entre o agente humano e a mensagem que este acessa se dá através de um diálogo constante entre pensamento (mente) e ação (corpo). E isto ocorre talvez como em nenhum outro veículo de comunicação surgido anteriormente devido a características muito próprias da contemporaneidade, totalmente reafirmadas pela cultura Web: a rapidez, a instantaneidade e a simultaneidade. Como McLuhan já havia percebido,

a resposta à energia e à velocidade crescente de nossos corpos prolongados gera sempre novas extensões. Toda tecnologia cria novas tensões e necessidades nos seres humanos que a criaram. A nova necessidade e a nova resposta tecnológica nascem do abrangimento da tecnologia já existente – e assim por diante, num processo incessante (MCLUHAN, 1974: 209).

Considerando este raciocínio de McLuhan sobre o ajuste dos corpos às afetações tecnológicas poderíamos considerar que a partir da modernidade provocações sensoriais (por exemplo o cinema, a velocidade crescente das locomoções nas cidades urbanizadas, o ritmo acelerado das multidões, as demandas sobre os trabalhadores nas indústrias etc.) permitiriam uma espécie de evolução da idéia de velocidade que passa a estar presente em vários aspectos da vida. O desenvolvimento contínuo dessa tendência levaria à instantaneidade e à simultaneidade que presenciamos hoje.

Assim é que essas três características foram sendo acrescentadas ao processo de circulação de conteúdos simbólicos à medida que, durante o século passado, novas mídias iam surgindo, fazendo uma “remediação”⁵ (cf. BOLTER; GRUSIN, 2000) do conteúdo daquela imediatamente precedente: o cinema acrescentou rapidez ao conteúdo da fotografia possibilitando-lhe o movimento; a TV, com suas transmissões

⁵ Segundo BOLTER e GRUSIN, a remediação é caracterizada por uma constante tensão entre as novas mídias e aquelas já estabelecidas: ao mesmo tempo em que inaugura uma linguagem, exercendo uma espécie de pressão sobre as antigas mídias para que se adaptem às novidades, uma nova mídia sempre carrega em si algo familiar, pertencente às suas antecessoras. Voltaremos a falar sobre o conceito de remediação (*remediation*) no decorrer deste trabalho, o que vai explicitar melhor a idéia de tensão constante entre mídias novas e aquelas já estabelecidas.

ao vivo, conferiu instantaneidade à imagem em movimento, conteúdo herdado do cinema. Na seqüência de aceleração frente às tendências desencadeadas pelas mídias anteriores, a Internet vem inserir a simultaneidade na relação entre o conteúdo desta nova mídia e seu usuário.

Meio como contexto: a Internet e seu ambiente acústico

Com a invenção de artefatos que lhe possibilitam locomover-se mais rapidamente (roda, trem, automóveis, aviões e todos os meios de transporte); ouvir, falar e ver a uma distância maior (telefone, rádio, microfone, binóculos, lunetas, cinema, TV e outros aparatos comunicacionais) o homem estende as funções do corpo e assim acaba subutilizando-o. Mas isto leva à busca pela retomada do equilíbrio perdido, desencadeando um esforço para compensar a atrofia causada pela invenção de novas extensões. A forma de compensação que a Internet traz, acreditamos, é a superexposição dos sentidos, a *(re)*inserção do corpo num ambiente em que esta “mídia original” – o corpo – seja cada vez mais demandada. O típico internauta é aquela capaz de ouvir, ler, ver, clicar; teclar, tudo ao mesmo tempo. Um ser capaz de agir mais do que rápida, simultaneamente. Esta capacidade pode ser ilustrada pelo que Bolter e Grusin chamam de *windowed style*:

Nas atuais interfaces, janelas se multiplicam na tela: é normal para usuários sofisticados ter dez ou mais janelas ativas, sobrepostas, abertas ao mesmo tempo. As múltiplas representações dentro das janelas (texto, gráficos, vídeo) criam um espaço heterogêneo, que competem pela atenção do observador. Ícones, menus e barras de ferramentas acrescentam outras linhas de significado visual e verbal (BOLTER; GRUSIN, 2000: 32)⁶.

O meio (no sentido de meio ambiente atribuído à palavra por McLuhan⁷) criado para o consumo de mensagens pela Internet requer ação constante: a partir do momento em que o internauta liga o computador e entra na rede vai estar o tempo todo em contato físico direto com o computador, aparato material que vai intermediar a recepção de conteúdos. Vai estar teclando ou clicando além de estar vendo, lendo e muitas vezes também ouvindo. A Internet é então o veículo de comunicação que passa a requerer de nós, interagentes humanos, maior utilização de mais um sentido: o tato, cujo uso, segundo a visão de McLuhan, já seria requerido pelas mídias da era da eletricidade, como a TV e o rádio. Essa maior demanda pelo

⁶ T.A.

⁷ Mais uma vez, nos referimos à interpretação de Vinícius Pereira, *Op. Cit.*

tato vem somar-se, no processo de recepção de bens simbólicos, à já predominante demanda pela visão e pela audição – sentidos privilegiados pelo homem ocidental letrado e, nas últimas décadas, “alfabetizado” na linguagem audiovisual da fotografia, do cinema, do rádio e da TV, em cujas ambiências já está completamente imerso.

Para Aarseth “o surgimento de novas tecnologias midiáticas não são importantes em si mesmas, não como alternativas às mídias antigas, mas devem ser estudadas pelo o que podem nos dizer sobre os princípios e a evolução da comunicação humana” (AARSETH, 1997: online)⁸. Acreditamos que a Internet, por sua natureza multimidiática, tem de fato muito a nos dizer sobre os princípios e a evolução da comunicação humana e de como o corpo veio sendo, ao longo do tempo, aliado deste processo – mas pode estar passando, nas últimas décadas, por uma tentativa de recuperação de suas potencialidades sensório-cognitivas.

Adotando aqui a perspectiva proposta por Pereira de olhar para “a evolução das tecnologias comunicacionais com uma nova abordagem tentando encontrar não apenas seus pontos de rupturas, mas, principalmente, suas linhas de continuidade” (PEREIRA, 2003), chamamos a atenção para o fato de que o grau de interferência que a Internet vem nos permitir (ou oferecer) é na verdade uma continuidade, um avanço no caminho que já vinha sendo trilhado na evolução dos meios de comunicação. Acreditamos que tal evolução passou gradativamente ao longo de séculos de uma interação face a face na qual estava investido um corpo coletivo (conforme demonstra os estudos de Havelock⁹ sobre a tradição das récitas gregas) para uma interação cada vez mais mediada, com um número crescente de camadas e que demanda tão somente o envolvimento de corpos individuais. No entanto, pode se dizer que na história da evolução das tecnologias de comunicação e representação há certo movimento no sentido de retomar as características sensórias típicas daquele primeiro tipo de interação, em que havia um envolvimento muito maior do corpo. Isto se deve, acredita-se, ao fato de o corpo poder ser considerado como a mídia original uma vez que é através das afetações que sofre este por intermédio dos

⁸ T.A.

⁹ Fazemos referência aqui aos estudos de Eric Havelock sobre a função mnemônica das récitas gregas, no qual o estudioso canadense chama a atenção para a diferença crucial entre este modelo narrativo e aquele, baseado na escrita (que teria sido inaugurado com Platão), em que o narrador está separado no espaço e no tempo de sua narrativa. Só com este distanciamento seria possível ao homem o exercício da reflexão sobre o conteúdo do que é narrado. Ver *The necessity of Platonism and Psyche or the separation of the knower from the known* in: Preface a Plato. Cambridge, Massachusetts; London: The Belknap Press, Harvard University, 1963.

sentidos (tato, olfato, paladar, audição e visão) que o homem entra em contato com o que entendemos como mundo real.

Assim, acredita-se, o desejo de ter-se a mínima mediação possível, em que os artefatos tecnológicos (as extensões do homem, nas palavras de McLuhan) não sejam percebidos, é o que leva as invenções humanas nos campos da representação e da comunicação mediada a manterem uma constante tensão: quanto mais tentam se aproximar do que entendemos como realidade, mais artificialidades lhes são acrescentadas. Ou, dito de outra forma, quanto mais artificiais, mais aparentam estar próximas de experiências que poderiam ser entendidas como reais.

Remediation: novidade com continuidade

O estágio de individuação a que o computador chegou é um processo que, tendo como objeto comum a tela, teve início com o cinema, mídia cuja recepção é ainda coletiva. Com a TV a tela é reduzida e entra nas salas de nossas casas, tornando o alcance da recepção menos coletivo, restrito aos familiares ou grupos pequenos de amigos e vizinhos. Seguindo a tendência de tornar o acesso aos bens simbólicos mais individualizado, a TV ganha os quartos da casa, possibilitando a recepção totalmente privada. Já estávamos na era do controle remoto que devido ao seu tamanho e portabilidade facilitava para o telespectador a interferência que lhe cabia na mensagem veiculada. Uma interferência mínima, limitada a alterar o canal ou desligar o aparelho quando a programação não o agrada. A inserção do vídeo cassete e mais recentemente do DVD aumenta este poder de decisão do telespectador que não precisa mais se sujeitar aos horários fixos das sessões de cinema ou da programação televisiva. Ele mesmo controla o fluxo daquilo que assiste, interrompendo a exibição, assistindo repetidas vezes o mesmo trecho ou mesmo passando por cima de outros.

Conforme postulam Bolter e Grusin (2000), toda nova mídia reaproveita a linguagem de suas antecessoras e até mesmo de suas contemporâneas pois, como já havia percebido McLuhan, o “conteúdo de um meio é sempre um outro meio”, anterior. Mas ao mesmo tempo em que se apropria de elementos disseminados pela cultura das mídias estabelecidas, uma nova mídia também precisa trazer um diferencial, uma promessa de novas experiências e, normalmente, de uma mediação menor, que a aproximaria mais da dita realidade.

No caso da Internet, acreditamos, o fator diferencial de maior destaque no processo de mediação é a simultaneidade. É preciso notar que a emissão ao vivo, fosse televisiva ou radiofônica, já vinha permitindo instantaneidade e simultaneidade

na emissão e na recepção de conteúdos informativos. Mas o aspecto que ganhou simultaneidade com a Internet foi o da resposta do interagente a que a mensagem se destina. Agora, para opinar sobre uma matéria que leu no jornal online, por exemplo, alguns poucos cliques no mouse são tudo o que separa um internauta da redação e envio de uma carta para o veículo ou mesmo diretamente para o jornalista. O esforço físico que antes incluía largar o jornal, pegar papel e caneta, redigir uma carta, colocar no envelope e enviar pelo correio se resume a alguns poucos minutos a mais na frente do micro.

Os autores de *Remediation* se perguntam se não seria isto que toda nova tecnologia faria: definir-se a si mesma em relação com as formas de representação apresentadas pelas mídias que surgiram antes. Para a Internet, era preciso ser mais do que o jornal na tela do computador, mais do que estações de rádio ao alcance do mouse e mais do que a imagem em movimento – já presente na TV e que, em seus primórdios, a Internet não tinha condições de oferecer com a mesma qualidade e definição.

Assim, os telespectadores e leitores foram sendo “preparados”, gradativa e constantemente, acreditamos, para se tornarem – ou talvez seja melhor dizer, voltarem a ser – interagentes, a quem são fornecidas condições não só para receber mensagens mas também para responder a elas. Na verdade, a interação, o agir junto, o “agir e reagir”, são mais próprios, pode-se dizer, daquele tipo de comunicação original, que se desenrola face a face. Afastando-se deste modelo, que pode ser entendido como primário, a comunicação intermediada – que distancia no espaço e no tempo tanto os interlocutores entre si quanto a mensagem de um e de outro – pode ser considerada como “artificial”. Conforme McLuhan, seria típica de um modo de agir e pensar instaurado pela cultura letrada, sobretudo após a invenção da imprensa:

Talvez que o dom mais significativo da tipografia seja o do desligamento e do não envolvimento – o poder de agir sem reagir [...] foi precisamente esse poder de separar pensamento e sentimento, esse poder de agir sem reagir, que afastou o homem letrado daquele mundo tribal de estreitos laços familiares tanto na vida privada quanto na vida social (MCLUHAN, 1964: 198).

E se o desejo do homem é de cada vez mais tornar a mediação transparente a ponto de parecer inexistente, nada mais comum que as novas tecnologias de comunicação envolvam o homem em ambientes cada vez mais acústicos entendidos, no sentido mcluhiano, como espaços em que “uma reintegração do corpo explorando dimensões multisensoriais torna-se necessária” (PEREIRA, 2003), como uma forma de espaço que “convida todos os sentidos a participarem do ato comunicativo, uma

vez que exige a presença física dos interlocutores”. (Idem, ibidem). Mas na era digital, em que a “Aldeia Global” se concretizou interligada por computadores conectados através de cabos, modems e mesmo sem a necessidade de fios ou outros meios materiais (via tecnologias *wireless*), a presença física dos interlocutores se apresenta de outra maneira, uma vez que está situada num outro espaço: o ciberespaço.

Nova gramática, nova ambiência: uma nova forma de agir e reagir

A gramática da Internet requer cada vez mais rapidez e mais facilidade no manuseio, no percurso que se faz dentro de cada página. A adequação à linguagem, ou seja, o bom uso da gramática do novo meio é tão importante que, sem isto a mensagem simplesmente não alcança seu destino. Assim, pouco importa que o avanço tecnológico venha inserir novas camadas na relação entre os pólos emissores e receptores de mensagens, como constatam Bolter e Grusin, pois se pode dizer que no estágio em que a humanidade se encontra em termos de invenções e adaptações de artefatos tecnológicos, quanto mais camadas de mediação, quanto mais artefatos são acrescentados ao processo de produção e consumo de bens simbólicos e de trocas comunicacionais, mais facilmente estes são “naturalizados” pelos homens. E à medida que estejamos mais e mais integrados ao meio, à ambiência criada pela Internet, quanto mais prematuramente formos alfabetizados em sua gramática (como na de qualquer outra mídia), mais forte e imperceptível se torna a sensação de “naturalidade”, ou seja, menos se percebe o complexo aparato criado para provocar tal sensação. Isto se deve, acreditamos, à imersão do ser humano no que McLuhan chama de “*service environment*”: “É este meio que invade e reformata cada aspecto da vida social e física dos usuário da tecnologia, não importando para o que o aparato do carro ou do rádio ou da TV é usado” (McLuhan, 1979 in PEREIRA, 2004a)¹⁰.

O ambiente que envolve o internauta é diferente daquele dos leitores, telespectadores e ouvintes de rádio. A imagem que se tem de alguém lendo jornal é na mesa da cozinha, antes de sair para o trabalho durante o café da manhã. Ou então no caminho para o trabalho no metrô ou no ônibus. No domingo ou final de semana, a leitura é feita numa poltrona confortável, num ambiente preferencialmente silencioso. Antes da Internet, as pessoas saíam de casa informadas pelo consumo matutino das notícias lidas no jornal, vistas na TV ou ouvidas no rádio no caminho para o trabalho. Se desejassem, no final da jornada, já em casa durante a noite, viam nos telejornais uma amostra do que seria noticiado de forma mais detalhada nos jornais impressos do dia seguinte.

¹⁰ T.A.

Com a Internet, o computador que já havia se tornado instrumento de trabalho para muitas categorias profissionais tornou-se também veículo informativo. Hoje a informação chega a qualquer hora, em qualquer dia e onde quer que se esteja conectado à rede. A cultura Web impôs um ritmo e uma rotina diferente inclusive para as empresas jornalísticas, uma vez que o ciclo de produção e divulgação das notícias não é mais das 24 horas de intervalo entre a impressão do jornal de hoje e da edição de amanhã, ou do intervalo de horas entre uma e outra edição dos telejornais. Agora, o ciclo obedece à lógica das últimas notícias dos jornais online segundo a qual os acontecimentos são acompanhados e relatados enquanto ainda estão se desenrolando.

Do outro lado, para aquele leitor já inserido nesta cultura online, que tem condições de permanecer conectado à rede ao menos durante sua jornada de trabalho, a maneira de se informar e de se entreter é outra: é aqui, agora, quando desejar e necessitar. Graças ao *windowed style* é possível trabalhar numa planilha e, ao mesmo tempo, ouvir música, checar a previsão do tempo para o dia seguinte, verificar a cotação do dólar, visitar o blog de um amigo virtual e ainda manter uma conversa instantânea com o colega de trabalho da sala ao lado ou da filial em Nova York.

A mente deste interagente humano está o tempo todo enviando novas informações e, ao mesmo tempo em que dispara automatismos, toma decisões com diferentes níveis de complexidade. Tudo isto enquanto seus dedos passeiam entre o teclado e o mouse do micro. As trocas comunicacionais via Internet demandam portanto o empenho de pelo menos três sentidos: a audição, a visão e o tato. Em ambientes mais privados tais trocas podem envolver ainda a fala – através do uso do microfone – e mesmo o corpo inteiro – no caso de *webcams*.

O que desejamos frisar é que estas novas tecnologias de comunicação (*re*)colocam em evidência que os processos comunicacionais necessitam de um investimento constante do corpo e de todos os seus sentidos para que sejam mais bem-sucedidos. Acreditamos que esta leitura nos leva a reforçar um ponto de vista: o que defende a completa inutilidade em se dissociar corpo e mente quando se fala de processos de interação entre agentes humanos e outros quaisquer que envolvam algum nível de cognição. Se durante anos novos artefatos foram sendo criados de modo a privilegiar este ou aquele sentido, notadamente a visão e a audição neste último século, a Internet talvez esteja representando a tentativa de retomar todas as potencialidades desta que é a mídia original: o corpo. Pois, conforme acreditam os autores de *Remediation* “A lógica da hipermediaticidade multiplica os sinais da mediação e desta forma tenta reproduzir a riqueza sensorial da experiência humana.

(BOLTER; GRUSIN. 2000: 34)¹¹.

Podemos entender que a Internet instaura mais um ambiente, uma nova possibilidade de comunicação, uma nova gramática que traz entre suas implicações o incentivo à prática de um tipo diferente de interação entre produtores e consumidores de bens simbólicos. É por isto que seus conteúdos podem ser (como muitas vezes são) os mesmos transmitidos por outros meios – impressos, televisivos, radiofônicos. Mas é essencial para que sejam acessados e até mesmo compreendidos que estejam devidamente adaptados à linguagem desta nova mídia. É esta “tradução” ou “adaptação” que faz com que a maneira como tais conteúdos se prestam à interligação entre os agentes humanos envolvidos no processo venha sofrendo mudanças muito significativas. E cremos que as mudanças ainda vão continuar por muito tempo. No atual contexto, a maior novidade que a rede instaura é a inclusão do pólo receptor na produção da mensagem, a retomada de uma relação dialógica, que incentiva a inclusão, a participação, a resposta do leitor e, desta forma, oferece a possibilidade de haver uma proximidade maior entre o grau de envolvimento corpóreo e intelectual de produtores e receptores de conteúdos.

Pois o que Aarseth fala sobre a experiência da leitura de cibertextos (“*não importa o quanto eu me esforce para tentar descrever estes textos para você, leitor, pois a diferença essencial que guardam vão se manter um mistério até serem experimentados diretamente por você*” (AARSETH, 1997: online¹²) vale também para a Internet: não adianta alguém explicar para outra pessoa o quão divertida, útil ou interativa pode ser a experiência de conversar via *chat* ou comunicadores instantâneos; ou a de encontrar e se relacionar com outras pessoas através do Orkut; ou ainda a de manter um blog para expressar e trocar opiniões com estranhos ou pessoas conhecidas. Sem experimentar, em primeira mão, por si só, tais possibilidades; sem dispô-las diante de seu próprio corpo, seus próprios sentidos; sem empreender um esforço de cognição que passe pela experiência física e sensorial, uma pessoa não tem condições de apreender o significado, a mensagem desta nova mídia Internet.

Desta forma é que concordamos com o entendimento de McLuhan de que “o meio é a mensagem”, assim como com sua idéia de que o conteúdo de uma mídia é (também) o usuário desta mídia. A partir do momento em que um agente humano “incorpora” na rotina do seu dia-a-dia os processos demandados pelo uso de uma nova tecnologia, esta se inscreve neste sujeito e, conseqüentemente, abre uma brecha para inscrever-se na cultura. O uso da palavra “incorpora” aqui é proposital uma vez

¹¹ T.A.

¹² T.A.

que entendemos, como o estudioso canadense, que as mídias são extensões do homem e que como tais requerem sempre um envolvimento físico, corpóreo, sinestésico para serem utilizadas, acessadas, manuseadas e cumprirem seu propósito: ser o meio (no sentido de veículo) para o acesso, a obtenção de algo.

Com o computador, este empenho físico, corpóreo, torna-se mais evidente, mais presente e, principalmente, mais constante. Durante a quase totalidade do tempo em que está diante do computador navegando pela Web o agente humano está empreendendo alguma ação: teclando ou clicando. O hábito, a incorporação dessas ações – assim como os rituais que envolviam a poética grega na narrativa dos feitos heróicos estudados por Havelock – é algo tão indissociável do uso do computador que as pessoas nem se dão conta quando passam a digitar olhando para a tela e não mais para o teclado. E muitas vezes se espantam diante da dificuldade de voltar a escrever diretamente no papel, usando lápis ou caneta. A dificuldade que se apresenta é um reflexo dos condicionamentos criados pelo computador: a ausência dos comandos que possibilitam copiar um trecho do texto e “colá-lo” em outra parte; a impossibilidade de apagar folhas e mais folhas com o simples apertar de um botão ou de localizar uma palavra específica, em meio a cem páginas, numa fração de segundos.

Reflexões finais

O desenvolvimento e a difusão de novas tecnologias de informação e comunicação, notadamente o computador e a Internet, ajudaram na retomada de um processo de troca entre os produtores de mensagens e seus destinatários que se reaproxima da interação face a face, dialógica, requerendo e possibilitando uma relação em mão dupla, que demanda e permite respostas cada vez mais diretas e imediatas. Respostas de um corpo atrofiado que é (*re*)introduzido no processo de trocas comunicacionais na medida em que é mais e mais demandado. Respostas cognitivas já que a rapidez, instantaneidade e simultaneidade dos fluxos de conteúdos exigem mais “movimento” também da mente, maior atividade cerebral. Pode-se considerar que, se o computador representa a extensão (mais uma) e a exteriorização da memória humana, possibilitando a liberação do cérebro deste trabalho de acúmulo de dados, por outro lado, impõe a este mesmo cérebro um novo ritmo na capacidade de processar informações e de dar respostas. É o processo que McLuhan já havia identificado segundo o qual à atrofia causada a determinada parte do corpo devido a sua extensão após a invenção de uma tecnologia segue-se um movimento de retomada do equilíbrio em que o corpo, liberado, é demandado para outras funções (Cf. McLuhan, 1974).

Ainda utilizamos as mãos para escrever, mas os artefatos que se acoplam a elas já são outros e de outra ordem o que, acreditamos, implica em alterações no ritmo e na fluidez do pensamento, na geração e envio de respostas às mensagens recebidas e, em última instância, na forma como se dão as trocas comunicacionais. Substituir papel e caneta por tela e teclado acarreta mudanças não só no nível físico pois, fazendo uma pequena adaptação à frase de McLuhan, “como qualquer outra extensão do homem, a Internet vem provocando conseqüências psíquicas e sociais que *podem alterar* os limites e padrões de cultura”¹³. cremos que as alterações sejam na verdade a intensificação ou aceleração daquelas desencadeadas na chamada era da eletricidade que com o telégrafo, o rádio e a TV estaria, segundo McLuhan, sucedendo a era mecânica – da imprensa, do automóvel e da fotografia. Assim, na seqüência estaríamos assistindo, com telefones celulares e computadores conectados à Internet, à configuração de uma era digital. Por isso a (*re*)leitura do estudioso canadense mesmo após quatro décadas é tão adequada para o entendimento e análise do momento que estamos presenciando.

Referências

- AARSETH, Espen. Introduction: Ergodic Literature in: *Cybertext*. Perspectives on Ergodic Literature. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press: 1997. Disponível em <<http://www.hf.uib.no/cybertext/Ergodic.html>>
- BOLTER, Jay David., GRUSIN, Richard. *Remediation*. Understanding New Media. Cambridge, Mass; London, England: The MIT Press: 2000
- HAVELOCK, Eric A. The necessity of Platonism and Psyche or the separation of the knower from the known in: *Preface a Plato*. Cambridge, Massachusettes; London: The Belknap Press, Havard University, 1963.
- MCLUHAN, H.M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1974.
- PEREIRA, Vinícius A. *A Teia Global: McLuhan e Hiper mídias*. In: COMPÓS – ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 11., Recife, 2003. [Anais...]. Recife, 2003. 1 CD-ROM.

¹³ A frase original é “Como qualquer outra extensão do homem, a tipografia provocou conseqüências psíquicas e sociais que logo alteraram os limites e padrões de cultura” (MCLUHAN, 1974: 196).

-
- _____. *As tecnologias de Comunicação como gramáticas: meio, conteúdo e mensagem* na obra de M. McLuhan. Contracampo, Niteroi - RJ, v. 10/11 p. 07-20, 2004a.
- _____. Tendências das Tecnologias de Comunicação: da fala às mídias digitais. In: Sá, Simone; Enne, Ana. (Org.). *Prazeres Digitais: Computadores, Entretenimento e Sociabilidade*. Rio de Janeiro, RJ: 2004b, p. 131-146.
- _____. FELINTO, Erick. *A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento das materialidades*. In: SIPEC - SIMPÓSIO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 10., RJ: 2004. [Anais...] Rio de Janeiro, 2004. 1 CD-ROM.
- RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades Virtuais: Uma Abordagem Teórica*. Artigo apresentado no V seminário Internacional de Comunicação, GT de Tecnologia das Mídias, 2002. PUC/RS. Disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm>>
- WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2001. 238 p. Título original *The Pearly Gates of Cyberspace, a cultural history of space from Dante to the Internet*.